ISSN: 2358-8829

DA OBSERVAÇÃO A REGÊNCIA: PERCURSOS FORMATIVOS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO III EM GEOGRAFIA

Jefferson Ricardo Balbino de Mendonça [1]
Maria Cristina Cavalcanti Araújo [2]

RESUMO

No Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, campus Natal-Central, o estágio supervisionado é componente obrigatório para a conclusão da graduação e está regulamentado pela Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008. No curso de Licenciatura em Geografia, os ciclos de estágio têm caráter formativo e desempenham um papel essencial na construção da identidade docente. Este artigo foca especificamente no Estágio Supervisionado III, que compreende 10 horas-aula de observação e 20 horas-aula de regência. Essa estrutura proporciona ao licenciando a vivência prática da profissão, fortalecida pela mediação do professor orientador, profissional formado em Geografia e vinculado ao curso, que auxilia na elaboração dos planos de aula e na escolha de recursos didáticos. Esse acompanhamento fomenta reflexões críticas sobre a realidade escolar e o perfil das turmas envolvidas. A pesquisa foi realizada por meio de uma experiência de campo em uma escola da rede privada de ensino, situada na cidade de Natal/RN, e teve como objetivo discutir o processo de formação docente no estágio supervisionado e o ensino de Geografia no 6º ano do Ensino Fundamental – Anos Finais. As análises destacam a importância da atuação do professor de Geografia em diferentes contextos escolares e a relevância de metodologias didáticas inovadoras, como o uso de metodologias ativas, no processo de ensino-aprendizagem. Os resultados indicam que, independentemente da rede de ensino – pública ou privada – o compromisso do professor com uma educação geográfica significativa é indispensável.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado, Formação Docente, Ensino de Geografia, Metodologias Ativas, Identidade Profissional.

[1] Pós-graduando do Curso de especialização em Educação Ambiental e Geografia do Semiárido do Instituto Federal do Rio Grande do Norte - IFRN, jefferson.mendonca@escolar.ifrn.edu.br;
[2] Doutora em Engenharia dos Recursos Naturais pela da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, cristina.cavalcanti@escolar.ifrn.edu.br;

ISSN: 2358-8829

INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado III do curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), campus Natal-Central, representa uma etapa fundamental na formação docente. Nessa fase, o estudante é orientado por um professor vinculado ao curso, com formação específica na área, e conta também com o acompanhamento do professor supervisor na escola-campo, que igualmente possui licenciatura em Geografia. Essa dupla orientação fortalece o processo de formação, proporcionando ao licenciando suporte contínuo na elaboração de planos de aula, escolha de recursos didáticos e construção de práticas avaliativas.

A estrutura do estágio é composta por 10 horas-aula de observação e 20 horas-aula destinadas à regência. Essa divisão permite que o graduando vivencie, de forma gradual e reflexiva, os desafios da prática docente. Durante a observação, o estagiário tem a oportunidade de conhecer o ambiente escolar, compreender a dinâmica da turma e realizar um diagnóstico pedagógico que servirá de base para a sua atuação em sala de aula. Já na etapa de regência, ele coloca em prática os conhecimentos adquiridos ao longo do curso, ajustando estratégias e metodologias às especificidades do contexto escolar.

Essa experiência é essencial para o desenvolvimento do repertório pedagógico do futuro professor, pois evidencia que cada escola possui características próprias que devem ser consideradas no planejamento didático. Independentemente de atuar em instituições públicas ou privadas, o professor de Geografia precisa estar preparado para adaptar suas práticas e promover um ensino significativo da ciência geográfica.

A presente pesquisa, de natureza bibliográfica e de campo, tem como objetivo discutir a construção profissional do professor de Geografia e o ensino da disciplina no 6º ano do Ensino Fundamental – Anos Finais. O estudo baseia-se na vivência do estágio supervisionado III e se ancora na legislação vigente, especialmente na Lei nº 11.788/2008. Ao longo do trabalho, propomos reflexões sobre a prática de regência, os recursos didáticos utilizados e as contribuições dessa experiência para a formação docente, articulando essas observações com os referenciais teóricos que fundamentam nossa análise.

ISSN: 2358-8829

METODOLOGIA

A metodologia adotada neste estudo baseia-se em uma abordagem qualitativa, composta por pesquisa de campo e pesquisa bibliográfica. A investigação de campo foi realizada em uma escola da rede privada localizada na cidade de Natal, no estado do Rio Grande do Norte, durante o desenvolvimento do Estágio Supervisionado III do curso de Licenciatura em Geografia. Nesse contexto, foi ministrada a disciplina de Geografia para uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental – Anos Finais.

A pesquisa de campo, segundo Severino (2007), consiste na coleta de dados em ambientes naturais, sem a interferência direta do pesquisador. Essa característica torna o trabalho de campo essencial, pois permite uma aproximação concreta com a realidade escolar, favorecendo a observação da proposta pedagógica da instituição, do perfil dos estudantes e das dinâmicas que envolvem o processo de ensino-aprendizagem. Com base nessas observações, foi possível selecionar abordagens didáticas adequadas ao contexto da turma, contribuindo para a reflexão sobre o ensino da Geografia e o desenvolvimento profissional do futuro docente.

Além disso, para fundamentar e aprofundar as análises realizadas, recorreu-se à pesquisa bibliográfica, que, conforme Gil (2022, p. 44), "é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído, principalmente, de livros e artigos científicos". Através do diálogo com a literatura especializada, foi possível enriquecer a discussão sobre as práticas pedagógicas observadas, bem como compreender os desafios e possibilidades que envolvem a formação docente no âmbito do estágio supervisionado.

Portanto, a combinação entre a vivência prática e o respaldo teórico proporcionou uma visão mais ampla e crítica sobre a atuação do professor de Geografia, destacando a importância de considerar a diversidade do cotidiano escolar e as diferentes situações de ensino-aprendizagem na construção da identidade docente.

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO III: ALGUMAS OBSERVAÇÕES

O estágio supervisionado é uma etapa fundamental na formação docente, pois representa a ponte entre a teoria aprendida em sala de aula e a prática educativa vivenciada na escola. Vivenciar essa experiência com envolvimento e entusiasmo é essencial para quem deseja se tornar um professor comprometido e preparado, já que o

ISSN: 2358-8829

estágio oferece oportunidades reais de desenvolvimento profissional, que podem ser aprimoradas ao longo da carreira docente.

Nos cursos de licenciatura, o estágio é uma exigência legal e pedagógica. Conforme estabelece a Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, o estágio obrigatório visa preparar o estudante para o mercado de trabalho, sendo necessário, para isso, que o aluno esteja regularmente matriculado na instituição de ensino. Para que essa etapa seja bem-sucedida, é imprescindível que o licenciando estabeleça uma relação colaborativa com o professor supervisor da escola-campo, promovendo um ambiente de troca de saberes e experiências.

No Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Geografia (2012) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – Campus Natal-Central, o estágio é compreendido como parte essencial do processo formativo, contribuindo para consolidar os conhecimentos adquiridos ao longo da formação. Ao promover a articulação entre teoria e prática, o estágio supervisionado assume um caráter educativo, permitindo ao futuro professor refletir criticamente sobre o processo de ensino-aprendizagem, bem como sobre a organização e o funcionamento da gestão escolar.

Especificamente no Estágio Supervisionado III, que constitui o foco deste estudo, o estudante da Licenciatura em Geografia deve cumprir uma carga horária de 10 horas/aula de observação e 20 horas/aula de regência, sempre sob a orientação de um professor supervisor na escola e de um professor orientador vinculado ao curso. Ambos os profissionais possuem formação em Geografia, o que contribui significativamente para a construção de uma prática docente qualificada.

Durante esse processo, o licenciando é estimulado a analisar o perfil da turma, compreender a dinâmica escolar e elaborar, com base em reflexões pedagógicas, seus planos de aula, práticas avaliativas e estratégias didáticas. Assim, cada etapa do estágio representa um avanço no amadurecimento profissional do estudante, preparando-o gradualmente para os desafios da sala de aula. Ao final de cada ciclo, a entrega do relatório final é obrigatória, servindo como instrumento de avaliação e comprovação do alcance dos objetivos propostos para o estágio.

ISSN: 2358-8829

DA OBSERVAÇÃO A REGÊNCIA: O ESTÁGIO SUPERVISIONADO III COMO TERRITÓRIO DE FORMAÇÃO

Cada escola possui uma identidade própria, refletida em sua proposta pedagógica, nas práticas educativas e no perfil do público que atende. Independentemente do contexto – seja ele público ou privado – o professor deve estar comprometido com suas atribuições, pautando sua prática na ética, no respeito à diversidade dos estudantes e na constante busca por conhecimento. Assim, ele será capaz de utilizar os recursos disponíveis de forma criativa e, quando necessário, adaptá-los às realidades do seu espaço de atuação. Isso exige sensibilidade para reconhecer avanços e desafios ao longo da trajetória formativa, não como motivos de desistência, mas como oportunidades de aprimoramento profissional.

É importante romper com a visão reducionista de que ensinar Geografia se resume à memorização de nomes de cidades e regiões. Embora esses conteúdos tenham seu valor, a Geografia vai muito além: trata-se de uma ciência que permite ao estudante compreender o mundo em transformação, refletir sobre seu lugar e sua atuação como sujeito histórico e social. Esse processo exige do professor uma postura dinâmica e inovadora, capaz de aproximar os estudantes das temáticas contemporâneas, instigando-os a pensar, questionar e propor soluções para os problemas que os cercam.

Nesse sentido, Freire (2011) afirma que, ao compreender sua realidade, o ser humano se torna capaz de criar o seu próprio mundo, enfrentando desafios e construindo soluções. Esse exercício de reflexão e consciência crítica é fundamental para que o aluno perceba a si mesmo como agente transformador. Segundo o autor, essa capacidade não é privilégio de alguns, mas uma característica inerente a todos nós.

O trabalho do professor de Geografia insere-se justamente nessa perspectiva freiriana. Ao promover situações de aprendizagem significativas, ancoradas na vivência dos estudantes, o docente contribui para o desenvolvimento de uma leitura crítica do mundo, em que os alunos se reconheçam como sujeitos de direitos e deveres. Como bem destacou Freire (1989, p. 13), “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”. Antes mesmo de aprender a ler e escrever, o indivíduo já está imerso no mundo, estabelecendo relações com seu entorno e iniciando, desde cedo, sua inserção no espaço geográfico.

ISSN: 2358-8829

Diante disso, a sala de aula pode e deve ser um espaço fértil para o uso das metodologias ativas de aprendizagem. Concebidas nos anos 1980, as metodologias ativas, conforme Mota e Rosa (2018), favorecem o pensamento crítico ao proporem situações reais de aprendizagem, rompendo com os modelos tradicionais de ensino. Nessa abordagem, o professor atua como mediador do conhecimento, e os alunos tornam-se protagonistas na construção do saber.

Durante o Estágio Supervisionado III, a adoção dessas metodologias mostrou-se bastante eficaz, especialmente nas aulas sobre transformação da paisagem, espaço geográfico e formação do planeta Terra. Para abordar a formação do planeta, por exemplo, os alunos realizaram pesquisas individuais e compartilharam suas descobertas em grupos, antes da leitura do conteúdo no livro didático. Já nos temas sobre paisagem natural e cultural, exploramos imagens diversas em sala, o que permitiu refletir sobre o uso dos recursos naturais e as formas como a ação humana modifica o espaço.

Essas estratégias possibilitaram uma compreensão mais profunda de que o espaço geográfico é o resultado da interação entre sociedade e natureza – e, portanto, um espaço dinâmico, em constante transformação. No entanto, o processo de regência também trouxe desafios. Por se tratar do primeiro ano dos estudantes nos Anos Finais do Ensino Fundamental, o professor precisa estar atento às lacunas de aprendizagem, revisando conteúdos da etapa anterior sempre que necessário. Além disso, é fundamental saber lidar com situações de indisciplina e oferecer orientação constante durante as atividades, já que essa fase escolar exige maior intervenção pedagógica.

Por outro lado, essa etapa também apresenta pontos positivos. Um deles é o fato de cada componente curricular passar a ser ensinado por um professor específico, o que desperta nos alunos maior interesse pela Geografia. Com isso, é comum o surgimento de muitas perguntas e curiosidades durante as aulas, o que enriquece o processo educativo.

Como observam Souza e Chiapetti (2007, p. 228):

> O ensino da Geografia pode atuar em todas as capacidades e competências a serem exploradas e consolidadas através da educação. Pode favorecer ao aluno a tomada de consciência de si mesmo e do mundo que o rodeia, e crítica suficiente para ir construindo e desenvolvendo o conhecimento, de modo a adquirir autonomia de pensamento, para um desenvolvimento completo de sua cidadania.

ISSN: 2358-8829

Essa reflexão reforça a importância de um ensino de Geografia que valorize o pensamento crítico, que considere as múltiplas escalas de análise do espaço e que reconheça o professor como mediador do processo formativo. Cabe a ele planejar, estabelecer objetivos, escolher recursos didáticos adequados e criar estratégias que possibilitem ao estudante compreender e transformar a realidade em que vive.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Nesta seção, discutimos como as experiências docentes vivenciadas no Estágio Supervisionado III, realizado com uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental Anos Finais, contribuem significativamente para a construção da identidade profissional do professor de Geografia. Independentemente da instituição em que atue — seja ela pública ou privada — é fundamental que o professor exerça sua prática de forma ética, colaborativa e comprometida com o desenvolvimento de suas competências formativas, forjadas tanto nas experiências anteriores de estágio quanto nas aulas teóricas da universidade. É nesse processo contínuo que se constrói uma identidade docente sólida e consciente do seu papel social.

A formação da identidade profissional do professor de Geografia também perpassa pela sua capacidade de atribuir sentido ao ensino da disciplina, aproximando os conteúdos da realidade dos alunos. Ao contextualizar o estudante em seu meio social e cultural, o professor promove a ampliação gradual da compreensão espacial, conduzindo-o a pensar o mundo em diferentes escalas. Como afirma Dowbor (2008, p. 64), “todo aquele que educa se opõe na posição de ser modelo para o outro". Isso porque ninguém aprende sozinho, sempre aprendemos pela relação mediada com o outro”. Essa citação destaca a importância da relação dialógica entre professor e estudante, reforçando que o processo de ensino-aprendizagem é, sobretudo, uma construção coletiva, que respeita as individualidades e a diversidade presente no ambiente escolar.

Durante o estágio, muitos desafios cotidianos emergem e nos convidam à reflexão: como acolher os estudantes de forma eficaz? Como captar sua atenção para os conteúdos? Como lidar com atrasos, conversas paralelas e eventuais saídas antecipadas de alunos da sala de aula? Essas situações são comuns, especialmente no 6º ano, etapa de transição em que os alunos ainda desenvolvem sua maturidade escolar. Nesse

ISSN: 2358-8829

contexto, torna-se essencial que o professor saiba se organizar e lidar com tais demandas sem perder de vista o objetivo maior da aprendizagem significativa. Percebemos, por exemplo, que não basta "cumprir o livro didático" de forma mecânica. É preciso construir sentido com os alunos, e nesse processo, as metodologias ativas se revelam aliadas valiosas por promoverem maior engajamento e participação dos estudantes nos debates.

A regência exige planejamento cuidadoso. Uma boa aula não se improvisa — ela demanda sistematização dos conteúdos, clareza de objetivos e flexibilidade para avançar ou retomar pontos quando necessário. Libâneo (1994, p. 222) define o planejamento como "um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social". Ou seja, o planejamento é o elo entre os conteúdos propostos e a realidade vivida pelos estudantes, sendo indispensável para o cumprimento das metas pedagógicas da escola.

Complementando essa ideia, Dowbor (2008, p. 101) afirma:

> Na verdade, o planejamento é um dos instrumentos metodológicos de grande importância no trabalho do professor. É pelo planejamento que podemos organizar-nos, perceber e verificar como estamos construindo a história do grupo. E quem fala de história fala de idas e vindas, de avanços e retrocessos, de sonhos e realidades, de amor e raiva, de alegrias e tristezas, de êxitos e derrotas; enfim, de saberes e não-saberes.

Esse pensamento nos permite compreender o planejamento como um instrumento vivo, que se adapta às necessidades dos alunos e às realidades da sala de aula. É por meio dele que o professor consegue identificar lacunas de aprendizagem e propor novas estratégias para superá-las, sem perder de vista a intencionalidade pedagógica. O Estágio Supervisionado III também nos ensinou que recuar, quando necessário, não significa fracasso, mas sim um gesto pedagógico de cuidado com os estudantes e de valorização da aprendizagem inclusiva.

Outro ponto importante evidenciado ao longo do estágio diz respeito à convivência com os demais professores da escola. A interação entre colegas de profissão, por meio da troca de experiências, mostrou-se fundamental para compreender melhor a dinâmica escolar e ampliar nosso repertório pedagógico. A sala dos professores revelou-se um espaço fértil para partilhas, escutas e aprendizados mútuos. Nesse sentido, Passos (2016, p. 183) ressalta:

ISSN: 2358-8829

> Ouvir o que o outro tem para contar e identificar-se com o que está escutando permite ao professor não somente pensar sobre sua atuação pedagógica, mas também perceber que os caminhos muitas vezes por ele escolhido também fazem parte da rotina de outros professores, o que os faz se sentirem amparados

A escuta ativa e empática entre profissionais da educação fortalece a prática docente e contribui para a construção de uma postura mais humanizada no exercício da profissão. Reconhecer no outro suas próprias dificuldades e conquistas permite ao professor sentir-se acolhido e, ao mesmo tempo, responsável por manter esse ciclo de apoio mútuo ativo no ambiente escolar.

Em síntese, o Estágio Supervisionado III representou uma etapa decisiva no processo formativo. Por meio dele, foi possível vivenciar a prática docente em sua complexidade, refletir sobre o papel do professor de Geografia, consolidar conhecimentos adquiridos na universidade, lidar com desafios reais da sala de aula e, principalmente, construir uma identidade docente crítica, sensível e comprometida com a formação cidadã dos estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estágio Supervisionado III representa mais do que uma exigência curricular: ele é um ciclo fundamental no processo de formação docente, um espaço de vivência e aprendizado onde se amplia o repertório pedagógico e se compreende que cada escola possui sua singularidade — seja na estrutura, nos sujeitos ou nas dinâmicas internas. Independentemente de a instituição ser pública ou privada, o compromisso do professor deve ser o mesmo: atuar com ética, dedicação e sensibilidade, buscando sempre fazer o melhor com os recursos e realidades que têm à disposição. No componente curricular de Geografia, essa responsabilidade ganha ainda mais força, pois o professor é o mediador que transforma o livro didático em uma janela aberta para o mundo, ampliando os horizontes dos estudantes por meio de estratégias didáticas criativas e contextualizadas.
As metodologias ativas revelaram-se aliadas importantes nesse processo. Embora o uso das tecnologias educacionais seja cada vez mais frequente e necessário, é essencial lembrar que a escuta ativa dos alunos é o que realmente dinamiza a sala de aula. A presença da voz do estudante — por meio de questionamentos, trocas de ideias e debates — é o que dá vida ao processo de ensino-aprendizagem. Ao adotar

metodologias ativas durante a regência, foi possível estimular a socialização das pesquisas e o diálogo entre os alunos, contribuindo para que compreendessem as transformações territoriais ao longo do tempo de maneira mais crítica e colaborativa.

Outro elemento indispensável para o êxito da prática docente é o planejamento. Planejar não é apenas organizar conteúdos, mas refletir sobre o perfil da turma, prever dificuldades e adaptar estratégias quando necessário. Um bom planejamento permite ao professor saber quando avançar ou quando recuar, tornando o ensino mais flexível, inclusivo e eficaz. Ele é, portanto, um instrumento indispensável para alinhar os objetivos pedagógicos com a realidade dos estudantes, garantindo que todos possam aprender com equidade.

Por fim, é essencial destacar a importância das relações interpessoais no ambiente escolar. O professor não atua isoladamente: a troca com os colegas, o diálogo com a equipe pedagógica e a escuta sensível são fundamentais para construir uma escola mais colaborativa e inovadora. A sala dos professores é também um espaço de formação, onde experiências se cruzam, ideias se renovam e soluções coletivas emergem. Manter relações pautadas no respeito, no diálogo e no bom senso fortalece o trabalho em equipe e contribui para um ambiente mais saudável e produtivo para todos.

Concluímos, portanto, que o Estágio Supervisionado III é uma etapa enriquecedora que proporciona não apenas o desenvolvimento de competências docentes, mas também o fortalecimento da identidade profissional, da empatia e do compromisso ético com o ensino da Geografia e com a educação como um todo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei n. 11.788, de 25 de setembro de 2008. **Estágios** (obrigatório e não obrigatório). Brasília, Congresso Nacional, 2008.

DOWBOR, Fátima Freire; CARVALHO, Sônia Lúcia de; LUPPI, Deise Aparecida (Orgs.). **Quem educa marca o corpo do outro**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. Tradução Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra 2011.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam** / Paulo Freire. – São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo:Atlas, 2002
SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico. 23.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

IFRN – INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO NORTE. **Organização Didática do IFRN** (Projeto aprovado pela Resolução Nº 11/2012-CONSUP/IFRN, de 01/03/2012, com Adequação pela Deliberação nº 17/2018-CONSEPEX, de 07/08/2018). Natal, março de 2012. Disponível em: https://portal.ifrn.edu.br/documents/834/PPC__Licenciatura_em_Geografia_2018.pdf Acesso: 1 mai. 2025.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez. 1994.

MOTA, A.; WERNER DA ROSA, C. **Ensaio sobre metodologias ativas: reflexões e propostas**. Revista Espaço Pedagógico, v. 25, n. 2, p. 261-276, 28 maio 2018. Disponível em: https://sci-hub.se/10.5335/rep.v25i2.8161 acesso: 8 jun. 2025.

PASSOS, Laurizete Ferragut. Práticas Formativas em Grupos Colaborativos: Das ações compartilhadas à construção de novas profissionalidades. In: ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso (org.). **Práticas Inovadoras na Formação de Professores.** Campinas, SP, Papirus, 2016.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA, Maria Eliane Alves de; CHIAPETTI, Rita Jaqueline Nogueira. **O ensino de Geografia como um caminho para o desenvolvimento de competências**, In: TRINDADE, Gilmar Alves; CHIAPETTI, Rita Jaqueline Nogueira. (orgs). Discutindo Geografia: doze razões para se (re) pensar a formação do professor. Ilhéus: Editus, 2007.